



COLEÇÃO
20 POEMAS

CIDA PALMEIRIM



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Palmeirim, Cida

Cida Palmeirim : 20 poemas feito pela autora
[livro eletrônico] / Cida Palmeirim ; organização
Jiddu Saldanha. -- 1. ed. -- São João del Rei, MG :
Jiddu Krishnamurti Saldanha, 2026. -- (Coleção 20
poemas ; 3)

PDF

ISBN 978-85-905540-7-3

1. Poesia brasileira I. Saldanha, Jiddu.
II. Título III. Série.

26-367851.0

CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Camila Aparecida Rodrigues - Bibliotecária CRB -
SP-010133/0

20 POEMAS DE Cida Palmeirim

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	PÁG - 4
CERTEZA	PÁG - 6
DE REPENTE	PÁG - 7
LUCIDEZ	PÁG - 8
PAIXÃO E AMOR	PÁG - 9
FIM DE CARNAVAL	PÁG - 10
O CANTO DA DESPEDIDA	PÁG - 11
SUA AMIZADE	PÁG - 12
RESSURREIÇÃO	PÁG - 13
AUSÊNCIA DE TI	PÁG - 14
A HORA É ESSA	PÁG - 15
MINHA NUDEZ	PÁG - 16
SÓ VOCÊ FOI CAPAZ	PÁG - 17
SEM ACREDITAR	PÁG - 18
CONGELAMENTO	PÁG - 19
ELE ESTÁ EM NÓS	PÁG - 20
SOLIDÃO	PÁG - 21
SEM ESPERANÇA	PÁG - 22
CORAÇÃO MALDITO	PÁG - 23
AMOR PRESENTE	PÁG - 24
SEM AMOR	PÁG - 25
A AUTORA	PÁG - 26
SAIBA MAIS	PÁG - 27

Apresentação

A coleção “20 Poemas” nasce de uma compreensão simples: o leitor de literatura digital busca leveza, objetividade e impacto. Textos longos, cheios de introduções intermináveis, funcionam mal no universo rápido das telas. Por isso, cada e-Book da coleção traz apenas o essencial — vinte poemas que representam a força criativa de um autor. São obras distribuídas gratuitamente porque cumprem um papel estratégico: fortalecem o marketing literário de cada escritor e ampliam sua presença entre os leitores digitais.

O *Portal Ornitorrincobala* abriga uma biblioteca digital que cresce dia após dia, reunindo vozes diversas e potentes. O time de autores que compõe esse acervo tem ganhado destaque nas redes, criando movimento, conversa e curiosidade. Quem lê sente vontade de participar; quem escreve sonha em fazer parte dessa vitrine que valoriza talentos reais.

Chegar até aqui exigiu trabalho intenso, dedicação contínua, longas revisões, parcerias, noites mal dormidas e um compromisso genuíno com a literatura independente. O *Ornitorrincobala* é fruto de persistência — e de amor pela palavra.

Para nós é um prazer trazer **Cida Palmeirim** para este cenário literário. Atriz, diretora, dramaturga, poeta e gestora de projetos, ela aproveita seu tempo calculado para se lançar na literatura. Só poderia estar aqui, fazendo parte deste grande sonho coletivo, literário-digital.

Jiddu Krishnamurti Saldanha: Editor chefe e criador da biblioteca digital Ornitorrincobala.



Para todos os meus amigos do Teatro

Certeza

Entre os algozes que pensam
De um sonho apenas fazer
Mudar o sentido da vida
Buscando da morte a incerteza trazer.

Nos egos escondem a triste senhora
Que todos havemos de ter
Mas que a mente em alfa transmuda
Deixa de lado, lhe faz fenecer.

Acorde sedenta trazendo a dúvida
É isso que importa, que faz crescer.
Mande embora esses medos malditos
Que acorrentados à morte, só faz entorpecer.

Procure bem dentro de si as razões para tanto
E deixe a paz tomar posse em você.
Procure nos anjos a certeza que o amor
É mais forte que tudo, que tudo que possa haver.

De repente

De repente, os castelos ruíram,
Os sonhos acabaram,
Meus pés fincaram-se no chão
E voltei a realidade.
Nada podia ser como antes.
Os amigos (?) não seriam os mesmos,
A quadra não seria a mesma
Os professores (?) talvez fossem os mesmos.
De repente, tudo aquilo que estava me fazendo voltar a viver,
A querer de novo trabalhar, lutar, e garantir meu lugar ao sol,
Foi-me negado novamente.
Levaram um pouco de minha alma
Levaram um pouco de minha alegria
Mas não vão conseguir levar minha vontade de vencer
Tudo pode estar acabado de um lado,
Mas se preciso for, buscarei outra saída,
E se não conseguir encontrá-la
Começarei tudo novamente.
Não vou parar.
Não vou desistir.
O juiz ainda não deu o apito final.

Lucidez

Em momentos de lucidez
Galgo montes cobertos de espinhos
Preciso enveredar-me nos destinos do nada
E esconder-me na falsa alegria da névoa.
Cultivo cada folha da minha árvore
Exilando-me em completa neutralidade.
Limpo cada degrau da escada
Sem o deixar escorregadio
Para ter a certeza de que não cairei. Será?
Quero viver obtusa nesse mundo de desajustes
Expandir meu ser,
Meu ego,
Minha voz,
Quero gritar!
Qual terremoto me abala
E abre fendas gigantescas em meu solo,
Destruindo as mais puras e belas concepções,
Dilacerando células e rompendo meu psiquismo.
E de onde vem este vento fraco, leve brisa que bate em meu rosto
E me adormece ao som nítido de uma abelha.
Sou como o vulcão.
Solto larvas incandescentes que destroem pessoas e até mesmo
cidades.
Sou capaz de anular toda uma população
E dominar o terreno que me apraz.
Dou gritos em direito ao meu reinado,
Não concebo o medo.
Um lindo espetáculo para ser visto e analisado
Mas de longe.

Paixão e amor

Essa paixão
Esse amor
Que me faz viver intensamente
Cada momento
Cada gesto
Cada dia...
E buscar o prazer da vida
Nas pequeninas coisas que faço
É meu jeito
É meu ser
Minha alegria.
Esse amor que brota no meu peito
Não importa
Se por alguém
Ou... por alguma coisa
O que importa
É que estou sempre amando.
Ele nasce diferente
Toma forma de gente
Leva-me a flutuar
Leva-me pro espaço
Perco meu comando.
E no teu corpo
Encontro minha paz
Em teus olhos,
Em você,
A minha solidão se desfaz.
Quero estar sempre bem perto
E continuar sempre a querer
Só assim meu fogo se acalma
Essa brasa se apaga,
Deixando-me viver.

Fim de carnaval

De onde vem essa tristeza que se encarrega de me atormentar
Trazendo lembranças que faço questão de não mais lembrar.
De onde vem essa angústia calada, sem sentido, a me machucar,
Me fazendo agir como não quero, seguir por caminhos que deixei de andar?
Esse negro fim de carnaval que não brinquei, não amei,
Não me vesti de pierrô, nem de arlequim, e só de palhaço posei.
Em que as marchinhas e ranchos não ouvi, de saudades vivi, eu sei;
E na nostalgia do passado me deixei envolver... chorei...
De onde vem essa nuvem que passa pela minha vida nesse momento
Embaçando minha visão, meu tato, meu olfato e meu pensamento,
Como se fosse um canto triste, uma dor, um lamento?
De onde vem essa bruma silenciosa, densa, pairando sobre minha cabeça?
Quero dispersá-la antes que o carnaval acabe, antes que eu enlouqueça,
Quero banhar-me em águas claras, antes que anoiteça.

O Canto da despedida

Ginásio.
Verde, sintético, frio,
De linhas paralelas,
Branças,
Limitadas,
No chão vazio.
A quadra.
As marcas dos nossos pés,
Lá estão, efêmeras.
Contam apenas por onde andamos.
Nos degraus e nas sacadas
Em meio ao eco dos aplausos.
Chove no último dia.
Pelas portas de vidro,
Fechadas.
Escorre com a chuva
A última imagem
Dos rostos que assistia...
E, das paredes imensas,
Manchas coloridas de cartazes
Que não dizem mais nada.
Às vezes, pelas frestas,
Passa um vento frio
Sacudindo as redes esticadas.
Então, a solidão se assusta,
Pensando que voltamos.
Há de se assustar
Por muito tempo ainda,
Quando à noite ressoa em seu silêncio
Nossos passos,
Nossos gritos,
E o canto da despedida.

Sua amizade

Queria tanto conquistar sua amizade
Ser amiga de verdade
Para o que der e vier.
Pode crer
Pode saber
Eu sou sua amiga
Mas ainda falta muito
Para que eu possa
Lhe contar quem sou
Queria lhe ajudar,
Mais efetivamente,
Na hora certa
Mas se eu for descoberta
Com certeza você vai me odiar.
Seus pensamentos humanísticos são primorosos
Mas ações e palavras ainda ficam a desejar
Você não se despojou do medo,
Dos preconceitos da sociedade,
Do que os outros irão dizer,
Não se despojou de você mesma,
Não se despiu ante o espelho da sua alma
Para descobrir que existem valores muito maiores do que os terrenos.
O valor que eu dou aos sentimentos é muito,
Muito maior do que você pode pensar.
Então como descobrir o véu que me esconde
Ante suas palavras tão duras, tão castrantes,
Você ainda fala sem saber ao certo o que diz.
Fere, magoa, sem saber é claro,
Assim como tantas outras pessoas.
Mas entendo que não foi dado a todos a mesma caminhada.
Cada qual tem sua senda,
Importante é que não se coloque uma venda nos olhos do coração.

RESSURREIÇÃO

Pelas areias do deserto, busco meu princípio e meu fim.
O caminho árduo não me faz mitigar a dor.
Os pés peregrinos insistem em buscar a cascata
Que desce dos céus em direção ao secreto jardim.
Meus pensamentos convalescem sob a égide do Senhor
Restaurando as conexões corrompidas pelos homens.
Enfurno-me nas ogivas de minha própria alma
Descobrimo-me, também, com o poder do amor.
Ah! Esse poder que cria, recria, e se espalha ao vento
Misturando-se com os grãos de areia,
Transformando a paisagem, mudando a imagem,
Revolucionando o teor do coletivo pensamento.
Renasço, feito fênix, sujo das areias escaldantes
Em direção a uma terra prometida, porém escondida.
Onde pássaros sussurram feito anjos,
E anjos são seres alegres, vivos, vibrantes.
Corcéis voam por entre álamos seculares
Medeias e centauros não são apenas lendas,
E eu, não sou apenas mais um que passa pela vida
Mas aquele que está sob a mira de muitos olhares.
Após atravessar essa cortina entre realidade e imaginação
Sinto-me refeito e recuperado para lançar novas sementes
Em almas confusas e turbulentas. Lascivas e lamacentas
Que por mais que não queiram admitir, só precisam de perdão.

Ausência de ti

A ausência de ti
Penetra em meus poros,
Penetra em meu ser.
Me alucina,
Me dilacera,
Me faz sofrer.
E a noite eu escuto
A tua voz
Sempre a me chamar
E quando abro os olhos
Sinto o vazio
De sozinha estar.
Essa loucura,
Essa ausência tua,
Me assusta.
Não sei o que faço.
Não sei o que falo.
Tudo isso me custa
Noites de sono,
Um pranto calado.
Esse amor escondido...
Vem que eu preciso
De ti a meu lado,
Do teu carinho perdido
Nas noites do mundo,
Desejando somente
Encontrar um amigo
E eu estou aqui
De braços abertos
Pra seguir contigo.

A Hora é essa

A hora é essa.
A cara, a face, as pessoas.
O riso, a ironia, a descrença.
Os minutos, o silêncio, os dias.
Nada convém, a não ser os interesses próprios,
Onde haja a recompensa para si
Seja ela qual for.
O momento, o segredo, o medo.
A fuga, a ausência, o destino.
A impressão, as palavras, o vazio.
Um instante apenas
E mil portas que se encontravam fechadas são abertas
E ao menor sinal de vida
De um passado
Corre desesperadamente para longe
A procura das chaves.
O tempo, a dor, a decepção.
As trevas, o céu, a escuridão.
A flor, a beleza, o perfume.
O gesto não feito
A palavra não dita
O aperto de mão não dado
O olhar que não houve.
A hora é essa
De encarar a verdade.

Minha nudez

Em momentos de total solidão
Posso ver um pouco mais de tudo
E sentir um pouco mais do que me cerca
E saciar-me, enveredar-me, arriscar-me
Em momentos antes desconhecidos.
E posso sorrir, chorar, gritar
E fazer aparecer minha vergonha sem medo.
E posso ouvir mais alto
E falar sem temer ser compreendida.
Em momentos de total solidão
Negligencio a sordidez dos seres
Desnudo-me perante mim,
Sou quem sou.
Não preciso negar minha verdade.
Nem encobrir-me de falsas verdades.
Em momentos de total solidão
Sou quem sou.

Só você foi capaz

É você quem me faz
Sentir mulher, amiga e forte.
Só você foi capaz
De me dominar, sem querer,
De me dizer não, dizendo sim.
De me fazer sentir amada,
Mesmo sem me amar.
Só você foi capaz
De me fazer sentir
O amor de verdade
Que freia impulsos
Que freia desejos
Que freia minha carne.
Só você foi capaz
De me fazer chorar
Nas caladas da noite
Mas, sem desespero,
E sem angústias.
De me fazer amar
E não ser dona
Ou egoísta.
Só você foi capaz
De me fazer sentir útil
E ter os mesmos desejos
De outras mulheres
Ter um lar
Uma família
E ser mãe.

Sem acreditar

É madrugada...
Continuo a não acreditar. É impossível.
Impossível admitir o que aconteceu.
Olho o seu retrato,
Uma, duas três... e, muitas vezes mais.
Há um ensaio das lágrimas,
As quais não deixo rolar.
Tudo me queima por dentro.
Ver você e saber que não existes mais.
É mentira! É mentira! É mentira!
Repito mil vezes, tentando fugir.
Sei a verdade, mas dentro de mim, não quero acreditar.
Sinto meu coração pequeno, apertado, comprimido.
Minhas mãos titubeiam, acariciam o seu retrato,
Detalhe por detalhe.
Seu cabelo, seus olhos, seu nariz, sua boca,
Seu rosto meigo... jovem... sorrindo... distraído...
Seu corpo, suas mãos, enfim...
Você num todo, montagem dos seus detalhes.
Cada vez pareço sentir você mais perto,
Você, que me deu tanta esperança,
Que me fez amar, quando minha vontade,
Era só odiar.
A cada segundo que passa,
O pensamento de não acreditar volta.
Tento tirá-lo da ideia.
Sei a verdade, sei o que aconteceu,
Mas, estou sempre lhe esperando.
Olho o seu retrato novamente.
As lágrimas não ensaiam mais,
Fazem a sua apresentação.
Não consigo pará-las.

Congelamento

Corro, amasso o carro,
Imprensando no asfalto.
As ilusões que tenho
E tento esquecer.
E a medida que a velocidade aumenta
E os pneus começam a esquentar,
Esqueço das cantigas que outrora
havam.
E no desvario
Quem sabe do que,
Transformo a noite em dia
E saio da densa solidão.
Na busca esperada,
Quem sabe do nada,
O carro estanque,
Meu sangue congele,
Para perpetuar a espécie

Ele está em nós

Como é bom saber
Confiar em você
Dizer tudo o que sinto
Nada ter pra esconder

Liberar meus desejos
Estender minhas mãos
Sufocar com meus beijos
Esse seu coração

Ver seu corpo tremer
Num frenesi de paixão
E alcançar o infinito
Nessa nossa união

Você é meu segredo
E não vou confessar
Vem pra mim sem medo
Eu só quero te amar

Dizer o quanto preciso
Desses olhos tão tristes
Dizer desse amor
Que a tudo resiste

Ele está em você
E em mim está
Basta olhar para nós
Pra poder confirmar

Solidão

Após tanta alegria e tantos sorrisos

A angústia,

A solidão.

A vontade de me alienar

E ficar imóvel,

Passiva.

A satisfação de receber o beijo amigo,

O reencontro,

A saudade.

As mãos que se tocam após tanto tempo,

O carinho,

A amizade.

O olhar perdido no azul procura a paz,

A esperança,

Esperança.

Após tanta alegria e tantos sorrisos,

O reencontro,

O carinho,

A esperança,

Vem a repentina angústia

E a certeza de que somos sempre

O vazio da solidão.

Sem esperança

Ah! Se a vida parasse
Um instante sequer
Pra viver de amor.
Ah! Se eu pudesse mudar,
Conseguir te amar
E guardar uma flor.

Seria lindo viver de esperança,
Não guardando a lembrança
Do passado que vivi.
Andei vagando, de estrada em estrada,
Sem conseguir amar.
Por fim, cansada,
Procuro o futuro
Para esquecer o que sofri.

Não sei por que sou assim.
Nada encontro em mim.
Preciso morrer!

Se ao menos uma luz, me viesse à mente
E de mim tomasse conta totalmente,
Talvez quisesse viver!

Coração Maldito

Ah! Que sufoco!
Esse meu coração
Não toma jeito.
Ah! Que sufoco!
Esse meu coração
Não me dá o direito.

De gostar, de amar
A quem bem quiser.
Ele me obriga, maltrata,
Quase me mata.
Me faz padecer,
Me faz amar você.

Desse modo, a vida,
Traz-me sempre a ferida,
Desse meu coração,
Em forma de verso ou canção.

Coração maldito, coração bendito,
Se eu pudesse arrancar-te do peito
E jogar-te bem longe,
Talvez tomasse jeito.

Amor presente

A verdade da vida
Que cada um de nós tem
Nunca é a verdade do outro
Nunca se sabe de onde vem

Te quero, te espero
A vida é eterna
Nas noites que chegam
Mais calmas e ternas

Não vou precisar
Esconder esse amor
Guardado num canto
Do meu coração

Aqui e agora
Ou a qualquer hora
Se faz presente
Em alguma canção.

Sem amor

A vida dorme
Sem saber de mim
Enquanto eu canso
De correr e voar.
Procuro a paz, o sossego, o fim,
Estaciono no mundo, deixo de amar.
Acho a terra, o solo, o chão,
Acho a tristeza que me faz calar.
Meu peito explode
Sai uma canção
Que traz saudade
E deixa sonhar.
Se tudo fosse somente a paz
Eu não saberia o que é chorar
Mas a vida constante
Não leva nem traz
Que nem se querendo
Tem que pecar.
Recomeço a caminhada
Sem saber de nada
Vendo e não querendo ver
Como sou impura
Como tudo é cruel
Sem jamais ser amada
Levando sonho, trazendo amargura.

Sobre a autora:



Cida Palmeirim, nascida em Niterói em 1952, é atriz, dramaturga, poeta e professora, com uma trajetória profundamente ligada às artes cênicas. Fundadora da ARTECORPO Teatro de Cia em 2001, atua como produtora, diretora e intérprete, além de ter formação sólida em administração teatral, iluminação, teatro de rua, dramaturgia e contação de histórias. Seu trabalho teatral se estende também para a docência, ministrando cursos e oficinas que fortalecem a formação de novos artistas.

Na literatura, Cida reúne décadas de participação ativa em antologias, saraus e projetos poéticos, incluindo publicações do Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro, coletâneas culturais e o Podcast Poesia Nua. Recentemente, integrou as antologias digitais Amazônia, Florbela por Elas e Minimicro — todas lançadas pelo Portal Ornitorrincobala.

Como integrante ativa do Portal Ornitorrincobala, Cida Palmeirim agora ganha ainda mais destaque ao integrar a Coleção 20 Poemas. Ela é a segunda autora publicada na série, trazendo uma seleção de poemas que reafirma sua força criativa e sua presença constante nas antologias do portal.



@palmeirim_cida

[clique aqui para entrar na página da autora](#)

Saiba mais

*Você pode ler outros poemas de **Cida Palmeirim**, basta acessar essas antologias em sua página, no Portal OrnitorrincoBala:*



[clique aqui](#)

FICHA TÉCNICA

COLEÇÃO 20 POEMAS Do Portal Ornitorrincobala

Nº 2

Cida Palmeirim
20 poemas feitos pela autora

Projeto Gráfico e Capa
Jidduks

ISBN nº 978-85-90-5540-7-3

CLIQUE AQUI



Ornitorrincobala - 2026